



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP

Instituto de Economia

Núcleo de Economia Industrial e da Tecnologia

**Projeto: Boletim de Conjuntura Industrial,
Acompanhamento Setorial, Panorama da Indústria
e Análise da Política Industrial**

Boletim de Conjuntura Industrial

Junho de 2009

O movimento de desaceleração da economia brasileira tornou-se evidente a partir do último trimestre de 2008, refletindo o agravamento da crise financeira internacional. O Produto Interno Bruto (PIB) apresentou pequeno crescimento de 1,3% no último trimestre de 2008 e sofreu contração de 1,8% no primeiro trimestre de 2009 na comparação com os mesmos períodos dos anos anteriores (Tabela 1). Considerando a variação em relação ao trimestre imediatamente anterior (com ajuste sazonal), destacou-se a redução de 3,6% no último trimestre do ano passado, maior redução trimestral da série histórica iniciada em 1996, e de 0,8% no primeiro trimestre do ano corrente (Sistema de Contas Nacionais – SCN/IBGE). Configura-se, portanto, um momento de recessão econômica, que causa grande preocupação quanto a seus desdobramentos.

Tabela 1 – Taxa de Variação do PIB por Atividades e por Componentes da Demanda (IV/2008 e I/2009) (Em %)

	Taxa trimestral contra mesmo trimestre do ano anterior		Taxa trimestral contra trimestre imediatamente anterior(*)	
	IV/2008	I/2009	IV/2008	I/2009
Agropecuária	2,2	(1,6)	(1,0)	(0,5)
Indústria	(2,1)	(9,3)	(8,2)	(3,1)
Extrativa Mineral	0,2	(1,1)	-	-
Transformação	(4,9)	(12,6)	-	-
Construção Civil	2,1	(9,8)	-	-
Eletricidade, gás e água	3,2	(4,2)	-	-
Serviços	2,5	1,7	(0,4)	0,8
PIB a preço básico	1,0	(1,5)	(3,7)	(0,4)
PIB a preços de mercado	1,3	(1,8)	(3,6)	(0,8)
Despesa de consumo das famílias	2,2	1,3	(1,8)	0,7
Despesa de consumo da administração pública	5,5	2,7	0,5	0,6
Formação bruta de capital fixo	3,8	(14,0)	(9,3)	(12,6)
Exportação de bens e serviços	(7,0)	(15,2)	(3,2)	(16,0)
Importação de bens e serviços (-)	7,6	(16,0)	(6,6)	(16,8)

(*) Com ajuste sazonal.

Nota: Os dados incorporam a eventual revisão dos números anteriormente divulgados pelo IBGE. Podem existir, portanto, diferenças com relação aos dados contidos nos boletins de conjuntura industrial anteriores.

Fonte: Sistema de Contas Nacionais (SCN)/IBGE.

O ciclo de crescimento econômico baseado no dinamismo da demanda interna foi drasticamente interrompido a partir do final do ano passado. A análise do comportamento dos componentes da demanda revela que a desaceleração do crescimento da demanda interna observada no último trimestre de 2008 acabou se intensificando ou mesmo se transformando em significativa redução, dependendo do componente analisado, no primeiro trimestre de 2009. Houve desaceleração do crescimento do consumo das famílias (1,3%) e da administração pública (2,7%) e substancial redução da formação bruta de capital fixo (-14,0%) e das importações de bens e serviços (-16,0%) no primeiro trimestre de 2009 com relação ao mesmo período de 2008 (Tabela 1).

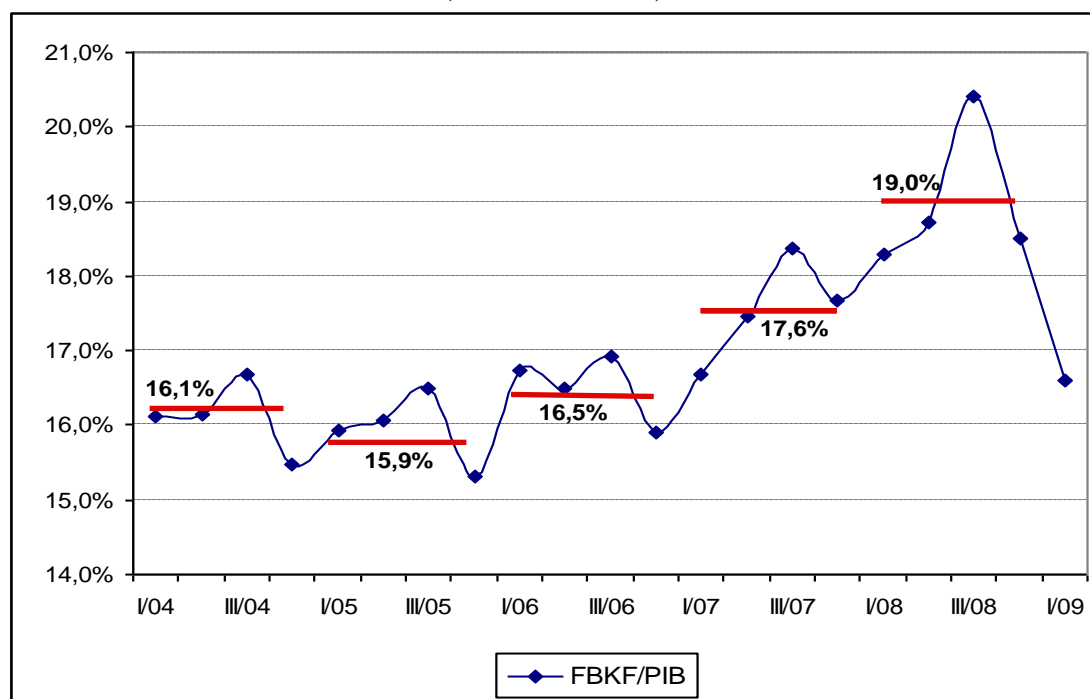
As dificuldades apresentadas pela demanda interna também transpareceram nos dados do primeiro trimestre do ano corrente com relação ao trimestre imediatamente anterior (considerando-se o ajuste sazonal): expressiva queda tanto da formação bruta de capital fixo (-12,6%) quanto das importações de bens e serviços (-16,8%). Contudo, o consumo das famílias e do governo evitou um desempenho ainda mais negativo do nível de atividade, pois conseguiram apresentar crescimento, mesmo que tímido, no

primeiro trimestre de 2009 na comparação com o trimestre imediatamente anterior (respectivamente, 0,7% e 0,6%).

Observando a demanda externa através do comportamento das exportações, pode-se perceber como sua atuação negativa sobre o crescimento econômico no final de 2008 (-7,0%) acabou se acentuando drasticamente no primeiro trimestre de 2009 com relação ao mesmo período do ano passado (-15,2%) e ao trimestre imediatamente anterior (-16,0%).

Outro indicador das dificuldades enfrentadas pela economia brasileira tem sido a desaceleração do crescimento da taxa de investimento, que havia atingido seu maior patamar na década atual no terceiro trimestre do ano passado (20,4%), reduzindo-se no último trimestre de 2008 (para 18,5%) e no primeiro de 2009 (para 16,6%) (Gráfico 1).

**Gráfico 1 – Evolução da Taxa de Investimento
(I/2004 a I/2009)**



Fonte: SCN/IBGE.

Detalhando o comportamento das atividades econômicas, continua causando preocupação o desempenho negativo da indústria brasileira, especialmente da indústria de transformação. No Boletim de Conjuntura Industrial de março de 2009, destacou-se a contração de 4,9% da indústria de transformação levando a uma redução de 2,1% da indústria em geral no último trimestre de 2008 em relação ao mesmo período do ano anterior. Comparando o comportamento das atividades econômicas no último trimestre de 2008 com o do trimestre imediatamente anterior (com ajuste sazonal), tornou-se ainda mais evidente o desempenho negativo da indústria brasileira (redução de 8,2%). As dificuldades da indústria se confirmaram no primeiro trimestre do ano corrente considerando a expressiva queda de 12,6% da indústria de transformação e de 9,3% da indústria em geral em relação ao mesmo período de 2008.

A comparação de dados do primeiro trimestre do ano com os do último trimestre de 2008 (com ajuste sazonal) permite vislumbrar uma ligeira suavização de seu comportamento negativo (redução de 3,5%), provavelmente indicando que os efeitos mais agudos da crise sobre a indústria brasileira podem ter de fato se concentrado no final do ano passado. Mesmo assim, a atividade industrial tem certamente apresentado um comportamento muito mais preocupante do que o das demais atividades econômicas – agropecuária e serviços – no contexto de crise econômica. A atividade de serviços conseguiu manter um comportamento diferenciado, amortecendo parcialmente os efeitos negativos da atividade industrial e agropecuária no primeiro trimestre do ano.

A análise de dados de produção física da Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física (PIM-PF/IBGE) confirma que a indústria brasileira enfrentou grandes dificuldades no primeiro trimestre de 2009 (Tabela 2). Houve significativa redução da produção física da indústria de transformação (-14,5%) e extrativa (-15,8%) e da indústria geral (-14,6%) no primeiro trimestre do ano corrente em relação ao mesmo período do ano passado, quedas certamente muito mais acentuadas do que as verificadas no final de 2008. Considerando a variação acumulada ao longo dos quatro trimestres encerrados em março de 2009, revela-se a redução de 1,9% para a indústria geral e para a indústria de transformação, enquanto a indústria extrativa sofreu redução de 1,8%. Isto significou uma clara reversão do comportamento ainda positivo apresentado no acumulado do ano passado (respectivamente, 3,1% e 3,8%).

**Tabela 2 – Taxa de Crescimento da Produção Industrial (Em %)
(I/2008 a I/2009)**

Atividades	I 2008	II 2008	III 2008	IV 2008	I 2009
Taxa de crescimento trimestral em relação ao mesmo trimestre do ano anterior					
Indústria Geral	6,4	6,2	6,7	(6,3)	(14,6)
Indústria Extrativa	6,8	6,3	8,9	(6,5)	(15,8)
Indústria de Transformação	6,4	6,2	6,6	(6,3)	(14,5)
Taxa de crescimento acumulada ao longo dos últimos 4 trimestres					
Indústria Geral	6,6	6,7	6,8	3,1	(1,9)
Indústria Extrativa	6,2	6,3	7,0	3,8	(1,8)
Indústria de Transformação	6,7	6,7	6,8	3,1	(1,9)

Fonte: Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física (PIM-PF)/IBGE.

Os dados mais recentes de abril de 2009 comparados com os do mesmo mês de 2008 continuaram a mostrar a trajetória descendente da produção da indústria geral e de transformação (-12,3%) e da indústria extrativa (-10,8%) quando a base de referência utilizada se localiza no ano passado. Contudo, comparando os dados de abril com os de março de 2009 (com ajuste sazonal), observa-se uma tímida recuperação da produção tanto da indústria extrativa (1,1%) quanto da indústria de transformação (1%), resultando em ligeira recuperação da produção industrial em geral (1,1%). Esta recuperação tem se verificado mensalmente de forma bastante lenta e gradual desde o primeiro mês do ano corrente, não podendo ser desconsiderada por uma análise das perspectivas da produção industrial brasileira em futuro próximo.

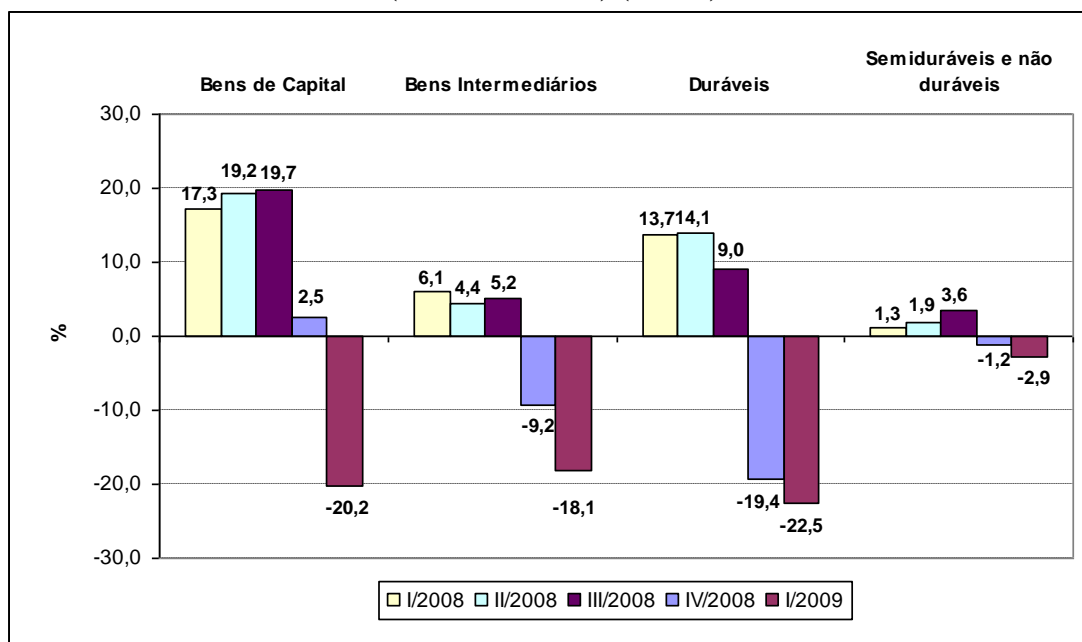
Considerando os dados de produção industrial por categorias de uso, observa-se a generalização do comportamento negativo no primeiro trimestre de 2009 com relação a igual período de 2008, com destaque para o movimento descendente da produção de bens de consumo duráveis (-22,5%), de bens de capital (-20,2%) e de bens intermediários (-18,1%) (Gráfico 2).

O desempenho negativo da produção de bens de consumo duráveis e de bens intermediários havia se manifestado no último trimestre do ano passado, revertendo o comportamento positivo observado durante o ciclo de crescimento industrial do período precedente. No caso dos bens intermediários, com significativa orientação exportadora, a tendência de redução da produção refletiu, principalmente, o desaquecimento da demanda externa desde o final do ano passado. Por sua vez, a deterioração da produção dos bens duráveis foi especialmente liderada pelo comportamento da produção automotiva no final do ano, que muito sofreu com o ajuste negativo nas expectativas do sistema empresarial, principalmente estimulado pela escassez de crédito, como ressaltado no último Boletim de Conjuntura Industrial (março de 2009).

Entretanto, a comparação dos dados de produção física de bens duráveis do primeiro trimestre do ano corrente com os do trimestre imediatamente anterior (ajuste sazonal) mostra uma ligeira recuperação (1%), o que diferencia seu comportamento das demais categorias de uso analisadas. Os dados mais recentes do mês de abril quando comparados aos de março de 2009 (também com ajuste sazonal) continuaram a revelar um pequeno crescimento da produção de bens duráveis (2,7%), inclusive superando o comportamento também positivo da produção das demais categorias de uso no mesmo mês. No caso dos bens duráveis, este desempenho parece refletir os incentivos concedidos à venda de automóveis, mudando as expectativas existentes na indústria automotiva no início do ano corrente. Isto pode ser um sinal de que a produção de bens duráveis já passou por seu pior momento e de que existe uma reversão das expectativas tendente a restabelecer uma trajetória ascendente, mesmo que lenta, nos próximos meses.

A produção de bens de capital, grande líder da expansão industrial precedente, havia apresentado substancial desaceleração de seu crescimento no último trimestre do ano, a qual se transformou, todavia, em acentuada contração no primeiro trimestre de 2009 em relação ao mesmo período do ano passado. Comparando com o último trimestre do ano (com base na série com ajuste sazonal), houve uma extraordinária redução de 18,6% da produção de bens de capital, superando o desempenho negativo das demais categorias de uso no mesmo período. Em outras palavras, o setor de bens de capital tem demonstrado de forma inequívoca os reflexos adversos da crise mundial sobre a indústria brasileira. Contudo, a comparação dos dados de produção de bens de capital de abril com os de março de 2009 (com ajuste sazonal) revelaram uma pequena retomada (2,6%), muito similar ao patamar observado nos bens de consumo duráveis. As perspectivas da produção de bens de capital ainda se encontram muito nebulosas, dependendo da redução dos níveis de capacidade ociosa e da retomada dos investimentos em futuro próximo.

**Gráfico 2 – Evolução da Produção Industrial por Categorias de Uso
(taxa de crescimento em relação ao mesmo período do ano anterior)
(I/2008 a I/2009) (Em%)**



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados da PIM-PF/IBGE.

Analisando os dados de produção por atividade industrial, especialmente a variação acumulada em 12 meses terminados em março de 2009, revela-se a tendência de deterioração do comportamento da produção da maioria dos setores industriais, tanto daqueles que vinham seguindo uma trajetória ascendente e que passaram a enfrentar a desaceleração de seu crescimento ou mesmo a redução de sua produção, quanto os que já vinham seguindo uma trajetória descendente desde o final do ano passado e que passaram a sofrer a intensificação da queda de sua produção no início do ano corrente (casos que incluem 25 dos 27 setores listados na PIM-PF/IBGE).

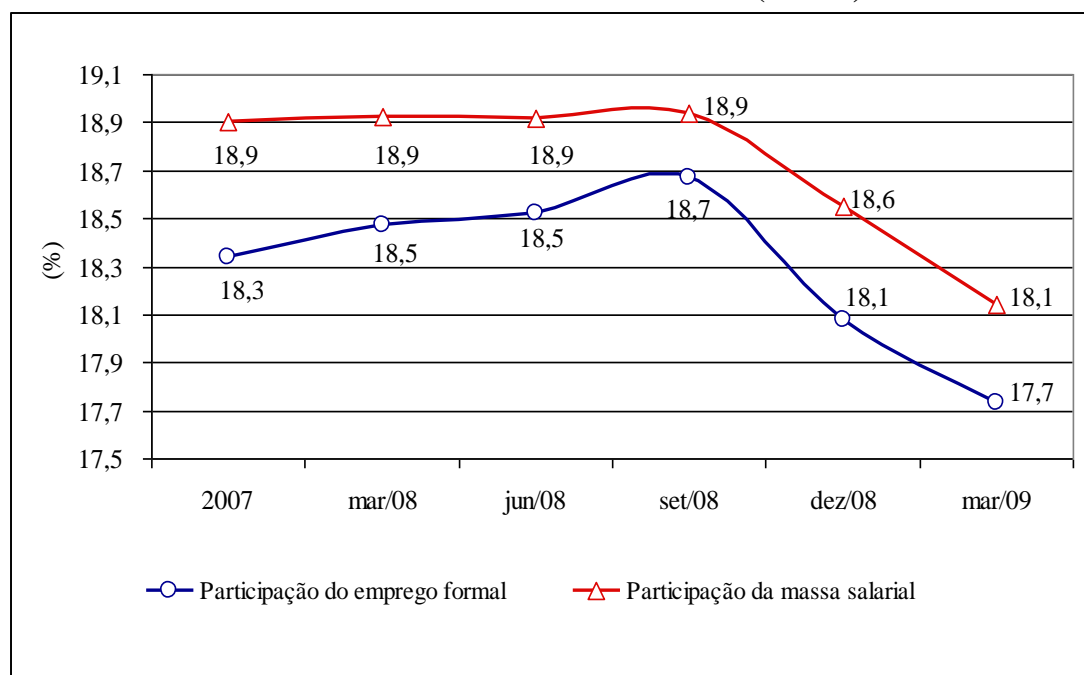
Quase todos os setores relacionados a bens de capital ou a bens de consumo durável, que haviam sustentado o crescimento da produção industrial anteriormente, sofreram com a redução de sua produção no acumulado de 12 meses findos em março do ano corrente, com destaque para material eletrônico, aparelhos e equipamentos de comunicações (-14,9%) e máquinas para escritório e equipamentos de informática (-10,9%). Outros setores industriais apresentaram contração da produção em nível semelhante: madeira (-15,8%); calçados e artigos de couro (-11,2%) e produtos químicos (-8,5%). Os cinco setores supracitados lideraram a queda da produção no acumulado do ano encerrado em março de 2009.

Considerando a variação da produção física no primeiro trimestre de 2009 em relação ao mesmo trimestre de 2008, destaca-se também o comportamento negativo de alguns setores que tiveram papel relevante no crescimento industrial do período precedente, como máquinas e equipamentos (-28,2%) e veículos automotores (-27,2%), além de máquinas, aparelhos e materiais elétricos (-27,0%) e metalurgia básica (-30,8%). O setor de máquinas e equipamentos inclusive liderou a queda da produção no primeiro trimestre de 2009 comparado ao trimestre imediatamente anterior (-21,3% – com ajuste sazonal). Alguns dos setores citados foram particularmente afetados pela suspensão do crédito resultante da crise mundial por serem altamente dependentes da manutenção de uma trajetória de expansão do financiamento.

Constata-se que somente 7 setores industriais, dos 27 incluídos na PIM-PF/IBGE, apresentaram crescimento no acumulado de 12 meses terminados em março de 2009. Somente alguns setores conseguiram excepcionalmente manter ou mesmo expandir suas elevadas taxas de crescimento no período citado, como os outros equipamentos de transporte (41%), que continuam alavancados pela construção e montagem de aeronaves (66,9%) e de vagões ferroviários (33,6%); farmacêutica (16,4%); e equipamentos de instrumentação médico-hospitalar (11,3%).

Os efeitos adversos da crise sobre a produção industrial brasileira têm se estendido ao emprego industrial, o qual vem perdendo participação no emprego formal brasileiro desde o último trimestre de 2008. A participação do emprego industrial manteve uma trajetória ascendente até o terceiro trimestre de 2008, mas regrediu fortemente no último trimestre, fechando o ano com um estoque relativo inferior ao do ano anterior (18,3%, em 2007, contra 18,1%, em 2008) (Gráfico 3). A trajetória da massa salarial da indústria manteve-se estável até o terceiro trimestre do ano passado e também apresentou regressão a partir de então. De setembro a dezembro de 2008, enquanto o emprego industrial perdeu 0,6 pontos percentuais de participação no mercado formal de trabalho brasileiro, a massa salarial recuou 0,3 pontos percentuais. No primeiro trimestre de 2009, manteve-se a perda de vagas e de massa salarial na indústria, em mais 0,4 e 0,5 pontos percentuais, respectivamente. O movimento de ambas as variáveis no semestre analisado indica uma certa resistência do salário médio em cenário de perda de postos de trabalho.

Gráfico 3 – Evolução da Participação do Emprego Formal e da Massa Salarial⁽¹⁾ da Indústria na Economia Brasileira (Em %)



(1) Dados deflacionados pelo IPCA (IBGE).

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados RAIS e CAGED/MTE.

A generalização do encolhimento da produção física da indústria brasileira foi acompanhada por um expressivo ajuste negativo no emprego industrial formal no primeiro trimestre de 2009 (Tabela 3). A sazonalidade parece ter sido transgredida, pois quase 147 mil vagas foram fechadas num período em que normalmente há abertura de vagas. Contudo, os dados do mês de abril de 2009 mostram um arrefecimento da tendência de queda do emprego formal, considerando que a perda de

vagas foi bastante inexpressiva na indústria brasileira (157 vagas – CAGED/MTE). Em relação à massa de salários de contratações líquidas, estimada pela diferença entre a massa de salários dos admitidos e dos desligados, a sazonalidade havia sido rompida no último trimestre de 2008, quando a queda do salário médio do estoque remanescente de empregados contribuiu para que a massa de salários pagos na indústria brasileira apresentasse contração real. Este movimento se aprofundou no primeiro trimestre de 2009. Os dados do mês de abril de 2009 confirmam a tendência de contração da massa de salários de contratações líquidas a um nível, contudo, certamente inferior àqueles apresentados nos primeiros meses do ano corrente.

Ao se observar a queda da massa salarial da indústria à frente do nível de emprego aventa-se duas possibilidades: a de um movimento generalizado de dispensa de trabalhadores com maior remuneração relativa e/ou a de rearranjo do emprego entre setores que pagam salários médios diferenciados.

Tabela 3 – Criação de Vagas e Massa Salarial das Contratações Líquidas na Indústria Brasileira (I/2007 a I/2009)

Ano	Criação de Vagas				Massa de Salários de Contratações Líquidas (em R\$ mil de dez/08*)			
	1º trimestre	2º trimestre	3º trimestre	4º trimestre	1º trimestre	2º trimestre	3º trimestre	4º trimestre
2007	108.986	297.232	473.135	386.604	17.725	77.437	126.321	25.071
2008	153.090	320.758	514.551	166.256	63.025	120.477	181.571	(155.711)
2009	(146.761)	-	-	-	(279.247)	-	-	-

*Dados deflacionados pelo IPCA (IBGE).

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados RAIS e CAGED/MTE.

Comparando os dados de dezembro de 2008 com os do mesmo mês de 2007, observou-se a generalização da redução do salário médio¹ real, que atingiu todos os setores industriais brasileiros no ano passado (Tabela 4). Considerando a variação do nível de emprego no mesmo período, percebeu-se que quase todos os setores industriais apresentaram ganhos, com a exceção dos fabricantes de produtos de madeira e do setor de couro e calçados. Em termos gerais, tanto a indústria extrativa quanto a de transformação apresentaram expansão no nível de emprego (respectivamente, 6,0% e 2,3%), mas ambas apresentaram queda do salário médio real no período analisado (-4,1%).

Verificou-se também que os setores que mantêm remuneração média mais elevada (localizados na parte inferior da tabela) foram aqueles que apresentaram maior crescimento do emprego e maior queda do nível médio de salários pagos, como o setor de extração de petróleo e gás natural; as atividades de apoio à extração de minerais; a fabricação de produtos farmoquímicos e farmacêuticos; a fabricação de outros equipamentos de transporte, exceto veículos automotores; e a extração de minerais metálicos. Esses setores, entretanto, são pouco empregadores – os empregos neles gerados não chegam a 4% do total da indústria.

Por sua vez, setores fortemente empregadores – como o de fabricação de produtos alimentícios; confecção de artigos do vestuário e acessórios; fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos; fabricação de veículos automotores; e

¹ O salário médio foi determinado pelo estoque de trabalhadores e pela massa salarial divulgados pelo Relatório Anual de Informações Sociais (RAIS/MTE) para o ano de 2007, atualizados com dados de contratação e de desligamento do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED/MTE).

fabricação de produtos de borracha e de material plástico – apresentaram alguma elevação do emprego (de 0,4% a 5,2%) e queda razoável do salário médio real (de 2,5% a 5,0%).

Tabela 4 –Variação do Volume de Emprego e do Salário Médio Real⁽¹⁾ em Setores Industriais⁽²⁾ (dezembro de 2007 a dezembro de 2008) (Em %)

Setores Industriais	Variação do estoque de vagas	Variação do salário médio
Confecção de artigos de vestuário	3,7 ↑	(3,5) ↓
Preparação de couros, fabricação de artefatos de couro e calçados	(4,1) ↓	(3,0) ↓
Fabricação de produtos de madeira	(7,6) ↓	(2,5) ↓
Fabricação de móveis	1,5 ↑	(4,1) ↓
Fabricação de produtos têxteis	(0,7) ↓	(4,3) ↓
Fabricação de produtos alimentícios	2,3 ↑	(4,7) ↓
Fabricação de produtos minerais não-metálicos	3,8 ↑	(4,8) ↓
Extração de minerais não-metálicos	1,3 ↑	(2,7) ↓
Fabricação de produtos diversos	4,4 ↑	(4,0) ↓
Fabricação de produtos de metal	5,2 ↑	(5,0) ↓
Fabricação de produtos de borracha e material plástico	0,4 ↑	(4,1) ↓
Impressão e reprodução de gravações	5,0 ↑	(4,9) ↓
Fabricação de bebidas	3,7 ↑	(5,2) ↓
Extração de carvão mineral	9,6 ↑	(1,9) ↓
Manutenção, reparação e instalação de máquinas	4,7 ↑	(7,8) ↓
Fabricação de máquinas, materiais elétricos	4,4 ↑	(4,8) ↓
Fabricação de celulose e papel	1,6 ↑	(3,6) ↓
Fabricação de equipamentos de informática, eletrônicos e ópticos	0,2 ↑	(2,6) ↓
Fabricação de coque, derivados petróleo e biocombustíveis	8,8 ↑	(4,5) ↓
Fabricação de máquinas e equipamentos	6,0 ↑	(5,7) ↓
Metalurgia	3,2 ↑	(3,7) ↓
Fabricação de fumo	2,6 ↑	(4,0) ↓
Fabricação de químicos	2,8 ↑	(5,2) ↓
Fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias	2,5 ↑	(4,3) ↓
Extração de minerais metálicos	8,9 ↑	(4,7) ↓
Fabricação de outros equipamentos de transporte	10,3 ↑	(8,1) ↓
Fabricação de farmoquímicos e farmacêuticos	4,4 ↑	(6,3) ↓
Atividades de apoio à extração de minerais	10,8 ↑	(9,3) ↓
Extração de petróleo e gás natural	8,6 ↑	(5,8) ↓

(1) Dados em valor deflacionados pelo IPCA (IBGE).

(2) Os setores estão ordenados de forma crescente pelo salário médio pago em dezembro de 2007.

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados RAIS e CAGED/MTE.

A comparação dos dados mais recentes do final do mês de março de 2008 com os do final do mesmo mês de 2007 mostra, depois de um semestre de trajetória descendente, ganhos localizados no volume de emprego e a manutenção do encolhimento do salário médio real (Tabela 5).

A indústria extrativa apresentou uma expansão do volume de emprego de 3,6%, mas a de transformação acumulou um saldo negativo de 2%. Houve retração dos salários médios reais, de -3,0% e -3,7%, respectivamente. Mais uma vez os setores com maiores salários médios – com exceção do de fabricação de outros equipamentos de transporte – apresentaram maior expansão do emprego e retração de salários. O setor de extração de petróleo e gás natural ampliou ainda mais o emprego, mas também apresentou maior queda do salário médio real. Os setores industriais fortemente

empregadores apresentaram, de forma geral, retração do volume de emprego – com a exceção dos dois maiores empregadores, o setor de alimentos e o de confecção de artigos do vestuário e acessórios, que mantiveram taxas de crescimento do emprego no período analisado. Em geral, houve continuidade na trajetória descendente dos salários médios reais.

Tabela 5 – Variação do Volume de Emprego e do Salário Médio Real⁽¹⁾ em Setores Industriais⁽²⁾ (março de 2008 a março de 2009) (Em %)

Setores Industriais	Variação do estoque de vagas		Variação do salário médio	
Confecção de artigos de vestuário	1,3	↑	(3,3)	↓
Preparação de couros, fabricação de artefatos de couro e calçados	(6,2)	↓	(2,9)	↓
Fabricação de produtos de madeira	(9,3)	↓	(3,2)	↓
Fabricação de móveis	(1,0)	↓	(4,0)	↓
Fabricação de produtos têxteis	(3,5)	↓	(3,6)	↓
Fabricação de produtos alimentícios	0,1	↑	(5,1)	↓
Fabricação de produtos minerais não-metálicos	0,9	↑	(4,7)	↓
Extração de minerais não-metálicos	0,0	-	(2,3)	↓
Fabricação de produtos diversos	1,1	↑	(3,5)	↓
Fabricação de produtos de metal	(1,8)	↓	(4,0)	↓
Fabricação de produtos de borracha e material plástico	(3,8)	↓	(3,3)	↓
Impressão e reprodução de gravações	2,1	↑	(4,6)	↓
Fabricação de bebidas	1,0	↑	(5,2)	↓
Extração de carvão mineral	7,3	↑	(0,9)	↓
Manutenção, reparação e instalação de máquinas	(1,8)	↓	(5,4)	↓
Fabricação de máquinas, materiais elétricos	(1,8)	↓	(2,8)	↓
Fabricação de celulose e papel	(1,5)	↓	(2,8)	↓
Fabricação de equipamentos de informática, eletrônicos e ópticos	(7,8)	↓	(0,5)	↓
Fabricação de coque, derivados petróleo e biocombustíveis	3,0	↑	(2,1)	↓
Fabricação de máquinas e equipamentos	(3,1)	↓	(3,3)	↓
Metalurgia	(7,0)	↓	(0,5)	↓
Fabricação de fumo	(7,9)	↓	3,9	↑
Fabricação de químicos	0,7	↑	(4,9)	↓
Fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias	(6,7)	↓	(1,3)	↓
Extração de minerais metálicos	3,6	↑	(3,5)	↓
Fabricação de outros equipamentos de transporte	(0,2)	↓	(6,6)	↓
Fabricação de farmoquímicos e farmacêuticos	2,0	↑	(5,0)	↓
Atividades de apoio à extração de minerais	7,9	↑	(7,5)	↓
Extração de petróleo e gás natural	9,5	↑	(6,4)	↓

(1) Dados em valor deflacionados pelo IPCA (IBGE).

(2) Os setores estão ordenados de forma crescente pelo salário médio pago em dezembro de 2007.

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados RAIS e CAGED/MTE.

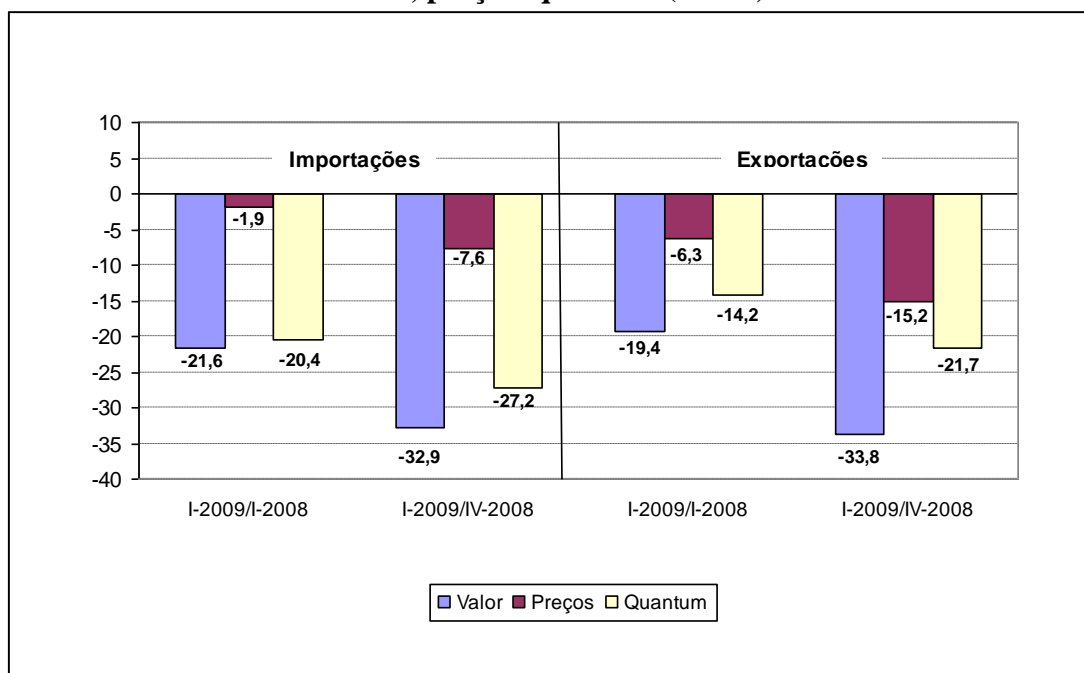
Os dados de emprego industrial analisados confirmam o conhecido quadro de alta rotatividade da mão-de-obra no mercado de trabalho brasileiro. As empresas que enfrentavam a redução de sua margem de negociação devido ao crescimento econômico não apenas demitiram no contexto de crise econômica, mas também diminuíram, de forma generalizada, o patamar dos salários médios reais.

A análise do comércio externo brasileiro no primeiro trimestre do ano corrente mostra um saldo positivo de US\$ 3 bilhões (FUNCEX). Entretanto, comparando com o saldo comercial do trimestre imediatamente anterior de cerca de US\$ 5 bilhões, confirma-se a tendência de contração do superávit comercial trimestral observada desde o terceiro trimestre do ano passado. Houve significativa redução do superávit comercial do

terceiro para o quarto trimestre de 2008 (-38,6%), que se intensificou do último do ano passado para o primeiro trimestre de 2009 (-41,2%). O comportamento fortemente contracionista das exportações, tanto em termos de quantidade quanto de preço, pode ser considerado o principal responsável pela deterioração do superávit comercial brasileiro no semestre terminado em março de 2009.

Comparando o primeiro trimestre de 2009 com o mesmo período de 2008, observa-se queda do valor tanto das exportações para o nível de US\$ 31 bilhões (-19,4%) quanto das importações para o nível de US\$ 28 bilhões (-21,6%) (Gráfico 4). Em ambos os casos, a maior contribuição ficou por conta da retração das quantidades, com menor participação relativa da redução dos preços. No caso das importações, a queda das quantidades foi mais significativa (-20,4%), seguindo a retração do nível de atividades observada no período analisado. No caso das exportações, fortemente impactadas pela deterioração do cenário econômico internacional e pelo decorrente encolhimento da demanda externa, destacou-se a contração das quantidades (-14,2%), mas também com importante participação da queda dos preços dos produtos exportados (-6,3%).

Gráfico 4 – Taxa de Variação das Exportações e das Importações: valor, preço e quantum (Em%)



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados da FUNCEX.

A comparação dos dados do primeiro trimestre de 2009 com os do último de 2008 revela a intensificação do comportamento negativo das exportações e das importações brasileiras (Gráfico 4). O valor das importações encolheu significativamente (-27,2%), principalmente em decorrência do desempenho contracionista das quantidades (-32,9%), agora, contudo, com maior participação dos preços dos produtos importados (-7,6%). Por sua vez, o valor das exportações contraiu-se de forma ainda mais drástica (-33,8%) como resultado da redução das quantidades (-21,7%) e dos preços dos produtos exportados (-15,2%). Evidencia-se que as dificuldades de recuperação da economia brasileira têm sido certamente acompanhadas pelo enfraquecimento de sua atividade importadora, assim como a recessão econômica mundial tem sido responsável pela significativa contração da atividade exportadora brasileira.

O comportamento declinante das importações se repetiu no mês de abril com relação a março de 2009, quando se observou uma queda do valor importado (-14,3%), principalmente puxado pela redução das quantidades (-12,4%), mas com contribuição do desempenho também negativo dos preços dos produtos importados (-2,1%) no mesmo período (FUNCEX). Contudo, percebeu-se uma reversão, mesmo que localizada, do comportamento negativo das exportações, ao se comparar o mês de abril com março do ano corrente. Houve crescimento do valor exportado (4,3%), exclusivamente puxado pela recuperação das quantidades exportadas (5,4%), levando-se em conta a manutenção da redução dos preços dos produtos exportados (-1,1%).

A análise do comportamento recente do comércio externo brasileiro mostrou, portanto, o aprofundamento do processo de deterioração do superávit comercial, principalmente associado ao desempenho negativo das quantidades e dos preços das exportações brasileiras em um cenário de recessão econômica mundial. A tendência recente de revalorização da moeda nacional pode acentuar os efeitos negativos da crise externa sobre as exportações brasileiras, dificultando especialmente a recuperação das vendas externas de setores industriais dependentes do comportamento do mercado internacional.

No futuro próximo, considera-se que a retomada do crescimento da economia e da indústria brasileira dependerá muito mais do comportamento do mercado interno, uma vez que a demanda externa deve continuar apresentando pouco dinamismo nos próximos meses. Por outro lado, considerando os componentes da demanda interna, é possível esperar que os investimentos em máquinas e equipamentos devam permanecer em um patamar reduzido, uma vez que a ocupação da capacidade deve ocorrer de maneira lenta na maioria dos setores econômicos. O ritmo do crescimento do consumo das famílias será, portanto, determinante para o ritmo de recuperação da economia brasileira, o que novamente chama atenção para a importância da volta do crédito e da manutenção das taxas de juros em níveis mais reduzidos. De qualquer maneira, em função da retração da demanda externa e dos investimentos, a perspectiva atual é de um caminho árduo e incerto em direção à recuperação econômica e industrial ao longo dos próximos trimestres.

A Indústria de Cosméticos

Panorama Mundial da Indústria de Cosméticos

A indústria de cosméticos, de acordo com a definição da ANVISA, envolve a produção de “preparações constituídas por substâncias naturais ou sintéticas, de uso externo nas diversas partes do corpo humano, pele, sistema capilar, unhas, lábios, órgãos genitais externos, dentes e membranas mucosas da cavidade oral, com o objetivo exclusivo ou principal de limpá-los, perfumá-los, alterar sua aparência e ou corrigir odores corporais e ou protegê-los ou mantê-los em bom estado”. Por essa definição, é possível perceber que a indústria de cosméticos envolve também a produção de produtos de higiene pessoal e perfumaria. Alguns autores adotam a denominação Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos (HPPC). Neste documento, por simplicidade, optou-se pela denominação indústria de cosméticos.

Do ponto de vista técnico-produtivo, essa indústria caracteriza-se por apresentar uma base relativamente simples, envolvendo a manipulação de fórmulas que, em geral, não apresentam grande complexidade. Embora não se verifiquem grandes barreiras técnicas à entrada, as empresas podem se aproveitar de grandes economias de escala e escopo, tanto na utilização de insumos e embalagens, quanto nas atividades de comercialização, através do aproveitamento comum dos canais de distribuição, campanhas de marketing e estratégias de fixação de marcas.

As diferentes possibilidades de aproveitamento dessas economias de escala e escopo também ajudam a explicar a diversidade de estratégias de produção e de comercialização das empresas que atuam no setor. De um lado, pode-se verificar a existência de grandes empresas multinacionais diversificadas que produzem uma ampla gama de produtos de consumo além de cosméticos, como alimentos, produtos de limpeza e produtos farmacêuticos. Os principais exemplos são a Procter & Gamble, a Unilever, a Colgate e a Johnson & Johnson.

De outro lado, encontram-se grandes empresas que atuam de maneira mais especializada no setor de cosméticos, mas que atendem a praticamente todos os seus segmentos, como produtos para cabelo, maquiagem, perfumes, etc. A segmentação de mercado também acontece por tipo, faixa etária, gênero, renda, etc. Ao contrário das grandes empresas diversificadas, que utilizam os canais de comercialização tradicionais de varejo, como supermercados e farmácias, as empresas especializadas procuram controlar também outros canais mais especializados, como a venda direta porta a porta, salões de beleza, lojas especializadas e redes de franquias. Como exemplo do segundo grupo, podem-se mencionar empresas internacionais, como L’Oreal, Avon, Beiersdorf, Estée Lauder, Shiseido, além das nacionais Natura e O Boticário. Vale ressaltar também que essas empresas, em comparação com as primeiras, adotam estratégias de produto, que privilegiam a inovação, a diferenciação e o lançamento constante de novos produtos.

Finalmente, convivendo com esses dois tipos de empresas, existe um vasto conjunto de pequenas e médias empresas, que, em razão das pequenas barreiras técnicas, não apresentam dificuldades para entrar no mercado, mas que encontram restrições para se expandir em função das limitações em termos dos ativos comerciais, em especial marcas e canais de distribuição.

O mercado mundial de cosméticos atingiu US\$ 290 bilhões² em 2007, o que representou um crescimento médio de 5,9% ao ano em relação ao valor observado em 2000 (Tabela 1). Comparando os dois anos mostrados na tabela, é possível perceber o aumento da importância relativa dos países emergentes no ranking. O Brasil, em especial, passou de sexto principal mercado, em 2000, para terceiro, em 2007, quando representou 7,6% do mercado mundial. Mesmo considerando que uma parte desse desempenho se deve à valorização do real, que aumentou o valor em dólar do mercado brasileiro, trata-se de um desempenho bastante favorável.

É possível perceber também o aumento da importância da China, que passou da oitava para a sétima posição, tendo um aumento de participação relativa de 2,2%, em 2000, para 4,9%, 2007. A Rússia, que não figurava entre os 10 principais mercados em 2000, passou a ocupar a nona posição, em 2007.

Tabela 1 – Mercado Mundial de Cosméticos e Ranking dos 10 Maiores Mercados (2000 e 2007)

(em US\$ milhões)

2000			2007		
País	Mercado	Participação (%)	País	Mercado	Participação (%)
1. Estados Unidos	47,6	24,4	1. Estados Unidos	51,3	17,6
2. Japão	23,0	11,8	2. Japão	30,5	10,5
3. Alemanha	9,8	5,0	3. Brasil	22,2	7,6
4. França	9,3	4,8	4. Reino Unido	14,6	5,0
5. Reino Unido	9,0	4,6	5. França	14,5	5,0
6. Brasil	8,5	4,4	6. Alemanha	14,5	5,0
7. Itália	7,1	3,7	7. China	14,3	4,9
8. China	5,6	2,9	8. Itália	10,5	3,6
9. México	4,4	2,2	9. Rússia	9,9	3,4
10. Espanha	4,3	2,2	10. Espanha	8,9	3,1
TOP 10	128,6	66	TOP 10	191,2	65,7
TOTAL	195,0	100	Total	290,9	100,0

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados da Euromonitor, extraídos da ABIHPEC.

Constata-se, assim, que a taxa de crescimento do consumo de cosméticos nos países emergentes tem sido mais elevada do que a dos mercados maduros. Entre os fatores que explicam o crescimento mais acelerado, deve-se destacar a própria taxa de crescimento do PIB, que tem elevado a renda disponível para consumo nestes países. Além disso, mudanças sócio-demográficas também expandem as possibilidades de consumo em ritmo maior do que nos países desenvolvidos, como o aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho, o aumento da expectativa de vida, e, principalmente para o caso da China, os efeitos sobre os hábitos de consumo em razão do aumento da população urbana.

Vale observar também que, embora os países emergentes tenham aumentado sua importância como mercados, os países desenvolvidos continuam respondendo pela maior parte da produção e do comércio mundial. Além disso, as grandes empresas, que dominam a maior parte da produção mundial, têm sede nos Estados Unidos, Japão ou União Européia.

² Medidos a preço de consumidor.

Analisando o valor das exportações mundiais de cosméticos³ e os principais países exportadores, observa-se uma taxa média de crescimento das exportações de 13,6% ao ano entre 2000 e 2007 (Tabela 2). Em termos dos principais países exportadores, percebe-se uma relativa estabilidade nos países que lideram o ranking. Destaca-se a França, que exportou cerca de US\$ 13 bilhões, em 2007, o que representou uma participação de 21%, seguida por Alemanha e Estados Unidos. Na parte inferior da lista, começam a aparecer países em desenvolvimento, como China e Polônia, que não figuravam no ranking, em 2000, e passaram a ocupar a oitava e nona posição, respectivamente, no último ano considerado.

**Tabela 2 – Principais Países Exportadores de Cosméticos
(2000 e 2007)**

(Em US\$ milhões)

2000			2007		
País	Exportações	Participação %	País	Exportações	Participação %
1. França	5.708	22,4	1. França	13.053	21,0
2. Estados Unidos	3.305	12,9	2. Alemanha	7.579	12,2
3. Reino Unido	2.616	10,2	3. Estados Unidos	6.586	10,6
4. Alemanha	2.554	10,0	4. Reino Unido	5.069	8,2
5. Itália	1.476	5,8	5. Itália	3.414	5,5
6. Bélgica	878	3,4	6. Espanha	2.475	4,0
7. Espanha	849	3,3	7. Bélgica	2.151	3,5
8. Canadá	609	2,4	8. China	1.726	2,8
9. Japão	588	2,3	9. Polônia	1.671	2,7
10. Holanda	555	2,2	10. Holanda	1.640	2,6
Total (10 maiores)	19.138	75,0	Total (10 maiores)	45.365	72,9
Total Mundial	25.532	100,0	Total Mundial	62.187	100,0

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados Comtrade.

Além da tendência de aumento da importância dos países emergentes como mercados e centros de produção e de exportação, também é possível destacar outras tendências, que vêm ganhando importância e que podem ser percebidas nas estratégias empresariais das principais empresas do setor.

Em primeiro lugar, a liderança dos produtos de beleza e maquiagem, em especial os produtos associados a cuidados com a pele. De acordo com o Euromonitor, o segmento de cuidados com a pele experimentou crescimento de 40% entre 2002 e 2007, quando atingiu um valor de US\$ 65,7 bilhões. Entre os fatores que têm estimulado o crescimento estão o aumento da expectativa de vida e o aumento da idade média da população, especialmente nos países desenvolvidos. A estrutura sócio-demográfica combinada à elevada renda per capita e ao interesse crescente da população com a questão da saúde e da beleza tem direcionado os investimentos das empresas de cosméticos para esses segmentos. Ao mesmo tempo, o crescimento da renda per capita dos países emergentes também tem contribuído para acelerar a demanda por esses produtos também nesses países, embora em segmentos de menor valor unitário.

Essa tendência tem se traduzido, em termos de estratégias empresariais, em aumento crescente da incorporação de novos ingredientes ativos, por exemplo, com ações anti-idade, anti-sinais, de hidratação, para aumento da elasticidade e firmeza da pele, etc.

³ Foram considerados os códigos 33.03, 33.04, 33.05, 33.06, 33.07 e 34.01, do Sistema Harmonizado a 4 dígitos para compor o comércio internacional de cosméticos.

Além do desenvolvimento de novas proteínas, aminoácidos e cadeias de aminoácidos com funções mais específicas. A forma veicular de aplicação também tem recebido investimentos crescentes. Mais recentemente, o desenvolvimento de aplicações da nanotecnologia aos cosméticos vem ganhando força como um dos campos prioritários nos laboratórios de P&D das grandes empresas e nos contratos dos laboratórios com instituições de pesquisa e universidades.

Uma segunda tendência importante é a crescente preocupação das empresas com o desenvolvimento de produtos que utilizam ingredientes naturais e orgânicos, estimulados pela preocupação ambiental e ecológica dos consumidores. Vale destacar que essa tendência é mais recente do que a destacada anteriormente, e, por isso mesmo, ainda existe certa dificuldade na definição exata do que é um produto “orgânico” ou “verde”, gerando preocupação dos órgãos de regulação e vigilância sanitária. De maneira geral, as empresas que buscam a diferenciação através do apelo de produtos orgânicos destacam a maior utilização de extratos naturais de flores, sementes e frutas e o menor uso de ingredientes sintéticos que possam agredir a pele, como corantes e conservantes. Além disso, existe a preocupação com a responsabilidade ambiental, que passa desde a utilização de embalagens recicláveis ou biodegradáveis, compromisso de não fazer testes em animais nem usar espécies de frutas ou flores em extinção, até a sustentabilidade ambiental da produção dos insumos naturais.

Finalmente, uma terceira tendência que vem ganhando importância no período recente é o lançamento dos “nutricosméticos”, como são denominados os produtos de ingestão oral (alimentos, bebidas ou comprimidos) com ingredientes que prometem promover a saúde e a beleza do corpo, pele e cabelos. Muitas empresas do setor de alimentos, como a Danone, vêm buscando desenvolver alimentos funcionais, passando recentemente a destacar os efeitos sobre a beleza de seus produtos. No mercado asiático, a Nissin Foods lançou recentemente um macarrão enriquecido com colágeno. No entanto, talvez a iniciativa mais relevante seja o posicionamento da L’Oreal, que desenvolveu uma linha de nutricosméticos em parceria com a Nestlé. Os produtos desenvolvidos possuem ingredientes ativos, que são absorvidos pelo organismo e promovem ação antioxidante.

As tendências destacadas acima apontam, por um lado, para a crescente importância da aplicação e da interpenetração de desenvolvimentos tecnológicos de diversas áreas, não apenas da química tradicional como também da área farmacêutica, de biotecnologia e nanotecnologia, no setor de cosméticos. Em paralelo, os próprios canais de comercialização também vêm se transformando em razão do mimetismo de formas típicas de outros setores. Por outro lado, também a questão regulatória passa a ter importância crescente, tanto pela utilização de ingredientes ativos, com maior necessidade de controle e fiscalização pelos riscos potenciais à saúde, quanto pela necessidade do estabelecimento de padrões e normas claras para a classificação de produtos e a sinalização para os consumidores das características mais precisas do significado de termos como “orgânicos” e “naturais”.

Características e Desempenho Recente da Indústria Brasileira de Cosméticos

De acordo com os números da ANVISA, existiam 1.694 empresas registradas como fabricantes de cosméticos ao final de 2008, número que representou um aumento de cerca de 6,1% em relação às empresas registradas ao final de 2007 (Tabela 3). De

acordo com os dados, esse aumento foi um pouco maior nas regiões Nordeste e Centro-Oeste, o que elevou, na margem, a participação dessas regiões no total de empresas do setor. A participação das empresas da região Nordeste no total das empresas do setor chegou a 8,6%, em 2008, ao passo que a participação da região Centro-Oeste atingiu 6,6% no mesmo ano. Apesar disso, é possível perceber que a região Sudeste continua concentrando a maior parte da produção, com cerca de 64% do número de empresas, seguida pela região Sul, com cerca de 20%.

Tabela 3 – Número de Empresas de Cosméticos (por região) (2006-2008)

	2006	%	2007	%	2008	%
Norte	20	1,3	21	1,3	23	1,4
Centro-Oeste	88	5,9	98	6,1	111	6,6
Nordeste	117	7,8	132	8,3	145	8,6
Sudeste	970	64,9	1027	64,3	1079	63,7
Sul	299	20,0	318	19,9	336	19,8
Total	1494	100,0	1596	100,0	1694	100,0

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da ANVISA.

Os dados sobre as vendas do setor apontam para um crescimento médio de 5,8% ao ano no período 2004-2008 em termos de produção física. Em termos de valor, o crescimento nominal foi de 12,8% ao ano, o que significa um desempenho bastante positivo (Tabela 4).

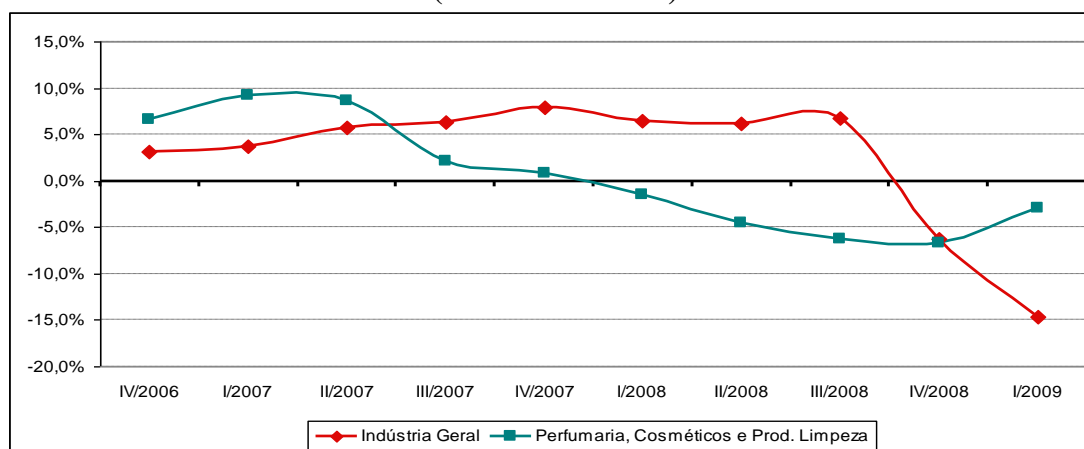
**Tabela 4 – Evolução das Vendas da Indústria de Cosméticos (2004-2008)
(Em toneladas e R\$ milhões)**

Ano	Toneladas	R\$ milhões
2004	1.252,0	13.390,6
2005	1.344,6	15.379,7
2006	1.418,8	17.550,1
2007	1.496,2	19.516,5
2008	1.570,8	21.654,8
Taxa média de crescimento (%)	5,8	12,8

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da ABIHPEC.

No que tange à produção física, os dados obtidos a partir da Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física (PIM-PF/IBGE) indicam que a indústria de cosméticos apresentou uma trajetória de crescimento bastante acelerada no período compreendido entre o último trimestre de 2006 e o segundo trimestre de 2007 (Gráfico 1). No entanto, o ritmo de crescimento se reduziu ao longo de 2007. Nos primeiros trimestres de 2008, a produção de cosméticos passou a apresentar retração, contrastando com o ritmo elevado de crescimento do total da indústria. A partir do primeiro trimestre de 2009, porém, o setor de cosméticos já apresentou uma desaceleração da tendência de queda, contrastando novamente com a indústria em geral, que continuou apresentando deterioração da produção.

**Gráfico 1 – Indústria Geral e Indústria Brasileira de Cosméticos:
variação da produção física
(taxa de crescimento em relação ao mesmo trimestre do ano anterior)
(IV/2006 a I/2009)**



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados da PIM-PF/IBGE

As informações do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED/MTE) confirmam a desaceleração do emprego formal no setor em 2007 (Tabela 5). As contratações líquidas sofreram redução no período compreendido entre o primeiro trimestre de 2007 e o primeiro trimestre de 2008. Os dados mostram uma queda no saldo de contratações: de 1,6 mil pessoas, em 2007, para 859, em 2008, resultado de um aumento muito maior no número de desligamentos do que no número de admissões. Vale ressaltar ainda a destruição de empregos vivenciada pela indústria no primeiro trimestre de 2009, o que comprova o momento de retração por que passa o setor.

Tabela 5 – Indústria Brasileira de Cosméticos: Contratações e Desligamentos de Empregados Formais (I/2007 a I/2009)

	I/2007	II/2007	III/2007	IV/2007	2007	I/2008	II/2008	III/2008	IV/2008	2008	I/2009
Admitidos	3.395	3.349	3.238	3.096	13.078	3.349	3.618	3.478	3.245	13.690	2.939
Desligados	2.771	3.035	2.797	2.816	11.419	3.130	3.221	3.437	3.043	12.831	3.452
Criação de Vagas	624	314	441	280	1.659	219	397	41	202	859	-513

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados da CAGED/MTE.

Em termos de comércio exterior, é importante destacar, antes de tudo, o pequeno grau de abertura comercial do setor. Com base em dados de 2007, as exportações representaram cerca de 4,4% do faturamento do setor brasileiro de cosméticos, enquanto o coeficiente de importações foi cerca de 2,6% no mesmo ano. Deve-se ressaltar também que, apesar do baixo grau de abertura, os fluxos comerciais do setor apresentaram uma evolução significativa, com destaque para as exportações, que cresceram cerca de 25% ao ano entre 2000 e 2007, a taxas superiores àquelas das vendas externas brasileiras no mesmo período (16,5% ao ano).

No período mais recente, nota-se que as exportações brasileiras de cosméticos apresentaram uma trajetória de crescimento até o último trimestre de 2008, de modo que o saldo das exportações ao final do quarto trimestre permaneceu praticamente o

mesmo em relação ao primeiro trimestre desse mesmo ano (Tabela 6). Já as importações de cosméticos apresentaram uma trajetória de crescimento, graças ao significativo aumento das importações de águas e colônias e desodorantes e preparações para barbear, chegando a US\$ 83,3 milhões ao final do quarto trimestre de 2008.

Dessa forma, o saldo das transações com o exterior apresentou queda durante o ano de 2008, passando de US\$ 66,7 milhões no primeiro trimestre para US\$ 44,2 milhões no quarto trimestre. Comparando os dados do primeiro trimestre de 2009 com os do mesmo período de 2008, nota-se significativa redução do saldo comercial (-48%), o que se deve tanto ao aumento das importações (16,8%) quanto à queda das exportações (-17,6%). Na comparação do primeiro trimestre de 2009 com o quarto trimestre de 2008, observa-se queda não só das exportações mas também das importações. No entanto, a queda mais acentuada das exportações acabou por fazer com que o saldo comercial no primeiro trimestre de 2009 apresentasse redução de cerca de 20% em relação ao quarto trimestre de 2008.

Tabela 6 – Comércio Exterior Brasileiro de Cosméticos (I/2008 a I/2009)
(Em US\$ milhões)

	I.2008	II.2008	III.2008	IV.2008	Total 2008	I.2009	Variação I.2008 / I.2009 (%)	Variação IV.2008 / I.2009 (%)
Exportações								
Perfumes e Águas de Colônia	0,8	1,1	1,3	2,7	5,9	1,7	106,8	(36,6)
Produtos de Beleza e Maquiagem	11,6	15,4	17,1	12,9	57,0	10,6	(9,0)	(17,8)
Preparações Capilares	38,4	42,0	42,3	38,8	161,5	38,1	(0,6)	(1,8)
Preparações para Higiene Oral	35,0	37,2	33,1	31,5	136,8	19,4	(44,7)	(38,5)
Desodorantes e Preparações para Barbear	10,5	14,6	14,2	10,0	49,3	11,2	5,9	11,3
Sabonetes e Sabões	29,1	38,0	37,8	31,6	136,4	22,4	(23,1)	(29,1)
Total	125,4	148,3	145,7	127,5	546,9	103,3	(17,6)	(19,0)
Importações								
Perfumes e Águas de Colônia	8,7	18,5	20,7	12,7	60,6	8,4	(3,1)	(33,8)
Produtos de Beleza e Maquiagem	11,6	17,9	21,9	14,5	65,9	15,1	29,7	4,2
Preparações Capilares	5,0	4,3	4,7	6,0	20,0	6,4	28,2	6,1
Preparações para Higiene Oral	5,3	7,0	6,1	9,6	28,0	9,9	86,7	3,6
Desodorantes e Preparações para Barbear	26,4	32,1	37,9	38,4	134,8	27,1	2,6	(29,6)
Sabonetes e Sabões	1,8	1,5	2,2	2,0	7,6	1,8	(0,1)	(12,7)
Total	58,8	81,3	93,5	83,3	316,8	68,7	16,8	(17,5)
Saldo								
Perfumes e Águas de Colônia	(7,9)	(17,5)	(19,4)	(10,0)	(54,7)	(6,7)	(14,6)	33,0
Produtos de Beleza e Maquiagem	(0,0)	(2,5)	(4,8)	(1,6)	(8,9)	(4,5)	(26.406,0)	(179,6)
Preparações Capilares	33,4	37,7	37,6	32,8	141,5	31,8	(4,9)	(3,3)
Preparações para Higiene Oral	29,7	30,3	26,9	21,9	108,8	9,4	(68,2)	(57,0)
Desodorantes e Preparações para Barbear	(15,8)	(17,5)	(23,7)	(28,4)	(85,4)	(15,9)	0,4	44,0
Sabonetes e Sabões	27,3	36,5	35,6	29,5	128,8	20,6	(24,6)	(30,3)
Total	66,7	67,0	52,2	44,2	230,1	34,6	(48,0)	(21,7)

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados da Secex.

Vale lembrar que o comércio exterior brasileiro de produtos cosméticos sofre forte influência do comércio intra-firma das grandes empresas transnacionais, que possuem uma certa especialização na produção entre os países da América do Sul, em especial no Brasil e na Argentina, fato que se reflete tanto nos produtos exportados e importados quanto nos padrões de origem e destino.

As informações para o ano 2008 mostram que as exportações continuam concentradas nos países da América Latina, com destaque para Argentina, Chile e Venezuela, que responderam por quase metade das exportações totais. No caso das importações, permanecem como principais países de origem, pela ordem, Argentina, França e Estados Unidos.

Em termos de participação de mercado, é possível observar grande estabilidade da participação brasileira nos fluxos de comércio mundial em 2006 e 2007 (Tabela 7). Entre 2000 e 2006, ocorreu um aumento de 0,3% para 0,7% da participação brasileira nas exportações mundiais de cosméticos, impulsionado principalmente pelos produtos para higiene oral. Em 2007, o Brasil perdeu um pouco de participação justamente nesse produto, mas se manteve como o sexto maior exportador mundial. Nos demais produtos, a participação brasileira continua sendo pouco relevante, embora seja importante destacar o aumento da participação brasileira nas exportações de sabonetes, onde o Brasil ocupa a 16ª. posição entre os maiores exportadores.

Nos dois produtos que representam a maior parte do comércio mundial, perfumes e produtos de beleza e maquiagem, a participação brasileira é marginal. Vale destacar o superior valor médio de exportação mundial desses dois produtos e a maior distância em relação ao valor médio de exportação brasileira. Em 2007, os perfumes atingiram um valor médio de US\$ 27,3/kg, enquanto os produtos de beleza e maquiagem alcançaram US\$ 13,8/kg. No caso brasileiro, o valor médio de exportação foi de US\$ 9,0/kg. para os dois produtos.

Tabela 7 – Indústria Brasileira de Cosméticos: participação no comércio mundial e valor médio de exportação (2000, 2006 e 2007)

Produto	Participação no comércio mundial (%)			Valor médio de exportação (2007) (US\$/kg.)	
	2000	2006	2007	Mundo	Brasil
Perfumes e Águas de Colônia	0,02	0,04	0,04	27,3	9,9
Produtos de Beleza e Maquiagem	0,1	0,2	0,2	13,8	9,9
Preparações Capilares	0,3	1,3	1,3	3,8	2,6
Preparações para Higiene Oral	3,0	4,9	4,4	3,7	2,3
Desodorantes e Preparações para Barbear	0,2	0,4	0,4	4,6	7,4
Sabões e Sabonetes	0,8	1,7	1,8	1,7	1,3
Total	0,3	0,7	0,7	5,8	2,3

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de SECEX e Comtrade.

Em suma, o Brasil ainda possui uma participação marginal no comércio mundial de cosméticos. Além disso, o comércio exterior absorve uma parte marginal da demanda e da oferta local de produtos de perfumaria e cosméticos.

Considerações Finais

A indústria de cosméticos mundial tem mostrado um grande dinamismo no período recente. Dentre os fatores condicionantes deste dinamismo, destacaram-se o aumento da importância dos produtos de cuidado com a pele, a tendência de utilização de insumos naturais e orgânicos e o desenvolvimento de produtos nutricosméticos. Essas tendências apontam para uma crescente sofisticação dos produtos do setor de cosméticos, o que resulta também em uma base técnica mais complexa, que demanda capacitações em diferentes áreas do conhecimento. Ao mesmo tempo, as formas de comercialização e as estratégias de marketing vêm demandando conhecimento de áreas de mercado anteriormente distintas, acompanhando as mudanças técnicas.

Como resultado, é possível considerar um aumento das capacitações tecnológicas, produtivas e de comercialização necessárias para conquistar espaço no mercado

mundial. Ou seja, os desafios competitivos para indústria brasileira de cosméticos tendem a se tornar mais complexos.

O Brasil é um dos países em desenvolvimento que conta com um setor de cosméticos com maior potencial competitivo, tanto pelas dimensões de seu mercado quanto pela existência de uma estrutura industrial capaz de atender à maior parte desse consumo. Neste setor estão presentes as grandes empresas internacionais produzindo localmente, tanto as empresas de bens de consumo diversificadas quanto as empresas especializadas no setor de cosméticos, mas também empresas nacionais importantes, que conseguiram reunir capacidade de produção relevante e ao mesmo tempo ativos comerciais, como marcas e canais de distribuição bastante desenvolvidos. Estão igualmente presentes muitas pequenas e médias empresas, configurando uma estrutura diversificada e complexa.

O avanço em direção a uma estrutura mais competitiva por parte da indústria brasileira requer acompanhar de perto as principais transformações no mercado mundial e verificar em que medida essas transformações vão exigir novos esforços do setor privado, como também dos formuladores de política, para estimular a incorporação de avanços tecnológicos em áreas chave e para acompanhar as necessidades de regulamentação e de certificação como forma de proteger os consumidores e ao mesmo tempo direcionar o setor privado para níveis elevados de qualidade dos produtos.

O enfrentamento desses desafios poderá resultar na continuidade do processo de melhoria competitiva pelo qual o setor vem passando no período recente, elevando a capacidade de atendimento à população brasileira com produtos de qualidade e, ao mesmo tempo, melhorando a inserção internacional dos produtores brasileiros, seja através do comércio seja através de operações de investimento internacional.

Referências Bibliográficas

ABIHPEC (2008). **Panorama do setor 20087/2009 – Higiene pessoal, perfumaria e cosméticos.**

Capanema, L.X.L, Velasco, L.O.M, Palmeira Filho, P. L. e Noguti, M.B. (2007) **Panorama da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos. BNDES Setorial.**

Fundação Centro de Estudos para o Comércio Exterior (FUNCEX).

Garcia, R., Hiratuka, C., Sabbatini, R. e Matsusita, A. P. et al. (2000). **Indústria de cosméticos: elementos para uma caracterização de sua estrutura e dinâmica com base num enfoque de cadeia produtiva.** Campinas e Araraquara. IE/UNICAMP/FCLAr/UNESP.

Global Cosmetic Industry. Vários Números.

Hiratuka, C. (2007). **Cosméticos. Relatório de Acompanhamento Setorial.** NEIT/ABDI.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física (PIM-PF).**

Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). **Secretaria de Comércio Exterior (SECEX).** Estatísticas de Comércio Exterior. Vários anos.

Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE). **Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED)**.

Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE). **Relatório Anual de Informações Sociais (RAIS)**. Vários anos.

Organização das Nações Unidas (ONU). **United Nations Commodity Trade Statistics Database (Comtrade)**.